



# CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES

latindex IDEAS EconPapers DOAJ Dialnet

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS PARINTINENSES: CONTEXTO, PERCEPÇÕES E POSSIBILIDADES

**Marcianne Souza da Silva**

Universidade Federal do Amazonas

Orcid.org/0000-0002-2090-7238

marcianessilva@gmail.com

**Corina Fátima Costa Vasconcelos**

Universidade Federal do Amazona

orcid.org/0000-0001-9926-1048

Corina.ftima@yahoo.com.br

**Jadson Justi**

Universidade Federal do Amazonas

orcid.org/0000-0003-4280-8502

jadsonjusti@hotmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Marcianne Souza da Silva, Corina Fátima Costa Vasconcelos y Jadson Justi: "Alfabetização e letramento de crianças parintinenses: contexto, percepções e possibilidades", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (Vol 1, Nº 7 julio-septiembre 2021, pp. 100-120). En línea:

<https://doi.org/10.51896/CCS/JOOC9400>

### RESUMO

A alfabetização e o letramento são temas que vêm ganhando cada vez mais espaço no debate sobre uma educação de qualidade no Brasil. O objetivo deste estudo é investigar o processo de alfabetização e letramento de crianças de escolas públicas de Parintins, AM, Brasil, com ênfase na garantia do direito de uma aprendizagem significativa e libertadora. Metodologicamente, esta pesquisa enquadra-se como qualitativa. Participam deste estudo cinco professores e cento e noventa alunos. Os resultados evidenciam pouco conhecimento teórico por parte dos professores sobre o processo de alfabetização e letramento. Consta-se, também, que 16% dos alunos do 1º ao 2º ano estão no nível pré-silábico e silábico, 36% estão no nível silábico-alfabético e apenas 32%, no nível alfabético. Conclui-se a necessidade de se investir na formação continuada dos professores. Têm-se, ainda, que o processo de alfabetização e letramento dos alunos do 1º e 2º ano precisa ser repensado sob uma perspectiva de qualidade do ensino e da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Alfabetização escolar, Letramento escolar, Educação de crianças.

### INSTRUCCIÓN DE LECTURA Y ESCRITURA DE ESTUDIANTES NACIDOS EN PARINTINS: CONTEXTO, PERCEPCIONES Y POSIBILIDADES

**RESUMEM**

En Brasil, la enseñanza de la lectura y las letras son temas cada vez más importantes para una educación de calidad. El objetivo de este estudio es investigar el proceso de instrucción en lectura y escritura de niños de escuelas en Parintins, AM, Brasil, con énfasis en el aprendizaje efectivo. Metodológicamente, esta investigación es cualitativa. En este estudio participan cinco profesores y ciento noventa estudiantes. Los resultados muestran un escaso conocimiento teórico por parte de los docentes sobre el proceso de lectura y escritura. También parece que el 16% de los estudiantes se encuentran en el nivel presilábico y silábico, el 36% en el nivel silábico-alfabético y solo el 32% en el nivel alfabético. Concluye la necesidad de invertir en la formación del profesorado. También está claro que el proceso de instrucción de lectura y escritura de los estudiantes debe repensarse desde una perspectiva de calidad de la enseñanza y el aprendizaje.

**Palabras clave:** Lectura escolar, Escritura escolar, Educación de los niños.

**STUDY ON READING AND WRITING OF CHILDREN FROM PARINTINS: SENSE, CONTEXT AND PERCEPTIONS**

**ABSTRACT**

In Brazil, the teaching of reading and letters are increasingly important issues for quality education. The aim of this study is to investigate the reading and writing process of students from Parintins, AM, Brazil, with an emphasis on effective learning. Methodologically, this research is qualitative. Five teachers and one hundred and ninety students participate in this study. The results show little theoretical knowledge on the part of teachers about the reading and writing process. It also appears that 16% of students are at the pre-syllabic and syllabic level, 36% are at the syllabic-alphabetic level and only 32% at the alphabetic level. It concludes the need to invest in teacher training. It is also clear that the students' reading and writing instruction process needs to be rethought from a perspective of teaching and learning quality.

**Keywords:** School reading, School writing, Education of children.

**INTRODUÇÃO**

No Brasil a alfabetização é uma questão que merece extrema atenção. É comum encontrar crianças que ao concluírem os anos iniciais do Ensino Fundamental ainda não dominam a leitura e a escrita. Em 2017, os resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) mostraram que mais da metade dos alunos do 3º ano apresentaram nível insuficiente em provas de leitura (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2018).

De acordo com o Ministério da Educação, em 2014, o índice de alunos com nível insuficiente em leitura era de 56,17%, ficando em 54,73% em 2017, o que demonstra a estagnação na melhoria das taxas. O nível insuficiente indica que os estudantes não conseguem identificar a finalidade de um texto e localizar uma informação explícita (Peduzzi, 2017).

No que se refere à escrita, 33,95% estão no pior patamar, não sendo capaz de escreverem palavras de maneira alfabética, produzindo textos ilegíveis. A região Norte do Brasil foi a que obteve os piores resultados de leitura, com 70,21% dos estudantes apresentando nível de insuficiência (Peduzzi, 2017).

No Estado do Amazonas, de acordo com dados da ANA, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa, em 2017, os níveis de alfabetização dos alunos amazonenses, em 2016, foram quase os mesmos registrados em 2014. Em 2016, cerca de 67.030 alunos foram submetidos à ANA, considerando aspectos relacionados à leitura e matemática (INEP, 2018; Peduzzi, 2017).

Na avaliação realizada no Amazonas, a leitura é avaliada em quatro níveis: nível 1 – básico; nível 2 – elementar; nível 3 – adequado e nível 4 – desejável, sendo os níveis 1 e 2 considerados insuficientes e os níveis 3 e 4 suficientes. Relacionada à escrita, têm-se cinco níveis: 1, 2 e 3 considerados insuficientes e 4 e 5, suficientes (INEP, 2018).

Os resultados obtidos em 2017, da rede municipal e estadual, revelam que cerca de 66,5% dos alunos amazonenses obtiveram níveis insuficientes (nível 1 e 2) em leitura e apenas 35% dos alunos estão nos níveis 3 e 4, considerados suficientes. Relacionados à escrita, as duas redes juntas totalizam 23,2% dos alunos no nível 1 (INEP, 2018; Peduzzi, 2017).

Os dados ainda revelam o desempenho do Estado do Amazonas em comparação à média nacional, estadual e municipal. Referente à escrita no nível 1 (básico e insuficiente), a média nacional é de 14,5%, na rede estadual é de 13,7% enquanto que a rede municipal apresenta 26,7%, quase a mesma porcentagem da média nacional e estadual juntas (Peduzzi, 2017).

Referente à leitura no nível 1, o panorama se repete: a média nacional é de 21,7%, na rede estadual é de 19,2% enquanto que a média municipal chega a 35,5% dos alunos do nível 1, mais que a porcentagem geral em relação à média nacional e estadual (Peduzzi, 2017).

Em matemática, os dados continuam quase que os mesmos no nível 1: a média nacional é de 21%, a estadual é de 20,8% e a municipal de 36%. Os dados divulgados mostram que as escolas estaduais do Amazonas têm conseguido melhorar os índices de alfabetização, enquanto as escolas municipais ainda apresentam desempenhos preocupantes (INEP, 2018; Peduzzi, 2017).

Com o objetivo de combater a estagnação dos baixos índices registrados pela ANA, o Ministério da Educação brasileiro estabeleceu uma Política Nacional de Alfabetização, que trata de um conjunto de iniciativas que envolvem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a formação de professores, o protagonismo das redes, o Programa Nacional do Livro Didático e o Programa Mais Alfabetização. Esse último foi criado por meio da Portaria n. 142, de 22 de fevereiro de 2018, do Ministério da Educação, Gabinete do Ministro, e tem como uma das principais ações a garantia do assistente de alfabetização ao professor em sala de aula (Ministério da Educação do Brasil, 2018).

Com a aprovação da Nova BNCC, a partir do Parecer n. 5, de 15 de dezembro de 2017, do Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno, homologado por meio da Portaria n. 1.570, de 20 de dezembro de 2017, e posteriormente da Resolução n. 2 de 22 de dezembro de 2017, fica instituída e orientada a implantação da BNCC, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica (Ministério da Educação do Brasil, 2017).

A BNCC é um documento plural, contemporâneo, e estabelece com clareza

o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito. Com ela, redes de ensino e instituições escolares públicas e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas (Ministério da Educação do Brasil, 2017, p. 5).

No que concerne ao processo de alfabetização e letramento, a BNCC enfatiza que nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental a prática pedagógica deve ter como foco a alfabetização. A BNCC define os conhecimentos, as habilidades e as competências essenciais que todos os alunos devem desenvolver no processo de alfabetização até o 2º ano do Ensino Fundamental, em escolas públicas e particulares de todo o país e não mais até o 3º ano (Ministério da Educação do Brasil, 2017).

Nesse sentido, conforme estabelecido na Resolução n. 2 de 22 de dezembro de 2017 (2017), a BNCC destaca a necessidade de que, ao longo dos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, os alunos tenham diferentes oportunidades de apropriação do sistema de escrita, de forma que possam desenvolver habilidades tanto de leitura como de escrita, bem como seu envolvimento em práticas de letramento.

A Resolução n. 2 de 22 de dezembro de 2017 (2017), do Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno, aponta em seu artigo 5º, § 1º, que:

Art. § 1º A BNCC deve fundamentar a concepção, formulação, implementação, avaliação e revisão dos currículos, e consequentemente das propostas pedagógicas das instituições escolares, contribuindo, desse modo, para a articulação e coordenação de políticas e ações educacionais desenvolvidas em âmbito federal, estadual, distrital e municipal, especialmente em relação à formação de professores, à avaliação da aprendizagem, à definição de recursos didáticos e aos critérios definidores de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da oferta de educação de qualidade (p. 5).

A BNCC é um documento normativo que deve ser adotado pelos municípios e estado, de modo a favorecer uma aprendizagem de qualidade tende-se que o processo de alfabetização e letramento é complexo e envolve diferentes facetas e competências. Nesse processo, enfatiza-se o desenvolvimento da leitura, interpretação e escrita de textos como habilidades necessárias para a participação efetiva e crítica dos educandos na cultura letrada.

As recentes pesquisas realizadas no Brasil têm mostrado que mais da metade dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental apresentam nível insuficiente em provas de leitura e escrita, demonstrando que a escola apresenta dificuldades no processo de alfabetizar e letrar a partir do primeiro ano do Ensino Fundamental (INEP, 2018). Diante dessa realidade, a BNCC propõe que seja foco das práticas pedagógicas, o processo de alfabetização e letramento.

Conforme a BNCC, no processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental deverão ser desenvolvidos cinco eixos: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e gramaticais e educação literária, para garantir o acesso dos educandos aos saberes linguísticos necessários para a participação social e o exercício da cidadania (Ministério da Educação do Brasil, 2017).

Nesse cenário, o presente estudo justifica-se por possibilitar conhecer os níveis de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental em âmbito mais local, procurando entender as causas do fracasso no processo de alfabetização, mesmo com as políticas públicas

existentes que defendem a educação como direito de todos. Justifica-se ainda sua realização por constituir um material de apoio para suscitar a realização de novas pesquisas sobre a temática.

Diante da realidade estatística que se verifica nos últimos anos sobre o processo de alfabetização e letramento, o presente estudo visa, de maneira geral, a investigar o processo de alfabetização e letramento das crianças das escolas públicas de Parintins, AM, com ênfase na garantia do direito de uma aprendizagem significativa e libertadora.

Para dar conta desse objetivo, foi necessário fazer o levantamento do quantitativo de crianças matriculadas no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental na rede municipal e estadual de Parintins, AM; identificar os níveis conceituais de alfabetização e letramento das crianças das escolas públicas do município; e analisar a percepção dos professores quanto ao processo de alfabetização e letramento realizado em suas práticas alfabetizadoras com base na garantia do direito de uma aprendizagem significativa e libertadora.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa, pois permite ao pesquisador o contato direto com os sujeitos, o ambiente e a situação pesquisada (Lüdke y André, 1986). Nesse mesmo sentido, Silva et al. (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa tem como finalidade “compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para os indivíduos, em situações particulares” (p. 71).

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino de Parintins, AM. A escola atende crianças de 6 a 11 anos, dos diversos bairros da cidade, nos turnos matutino e vespertino. Salienta-se que a presente pesquisa foi realizada diretamente em quatro turmas do 1º ano e três turmas do 2º ano.

Os participantes da pesquisa foram cinco professores e 190 alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I, turnos matutino e vespertino, com idades entre seis e sete anos. Os professores têm entre 31 e 57 anos, com formação nas diversas áreas da educação.

Os instrumentos de coleta e produção de dados foram a observação indireta por meio de análise documental, observação direta, entrevista semiestruturada e atividade direcionada às crianças. A análise documental consiste na compulsão em documentos vinculados ou não ao objeto de estudo, a fim de produzir dados eficazes para a compreensão e análise do problema de pesquisa (Michel, 2009). Foram consultados documentos referentes ao quantitativo de escolas, turmas, alunos e professores do 1º ao 5º ano da rede pública municipal e estadual.

Em articulação, a observação é um importante instrumento utilizado para obtenção de informações sobre fenômenos em análise, pois permite um contato direto. Nesse sentido, Lüdke e André (1986) discorrem que a observação precisa ser controlada e sistematizada, necessitando de planejamento. A observação direta foi realizada nas turmas do 1º e 2º ano, nos turnos matutino e vespertino, com o objetivo de verificar as práticas exercidas pelos professores no processo de alfabetização.

A entrevista semiestruturada foi direcionada aos professores que atuam nas turmas do 1º e

2º ano, com o objetivo de conhecer as concepções pedagógicas que orientam suas práticas de alfabetização. Nessa perspectiva, a entrevista permite que o pesquisador elabore perguntas sobre o tema em estudo e também que o entrevistado fale livremente (Pádua, 2000).

Os pesquisadores elaboraram uma atividade com o tema *Bullying*, tendo como objetivo identificar o nível de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano. Após o período de coletas de dados, deu-se início à análise de dados, primeiramente com a transcrição e tabulação e, em seguida, a organização e categorização. Os dados foram analisados considerando o referencial teórico adotado e os objetivos propostos no estudo.

Tendo em vista o compromisso assumido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para preservar as identidades dos sujeitos, as atividades dos alunos são identificadas com nomes fictícios, seguidos da idade e ano escolar – João (6 anos, 1º ano) – e os professores investigados serão identificados pelos códigos Prof. 1-2019/5-2019.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Breve descrição do município de Parintins**

O município de Parintins é um dos mais reconhecidos do Estado do Amazonas, em virtude do grandioso Festival Folclórico que acontece todos os anos no mês de junho. Essa festa envolve a disputa dos bambás Caprichoso e Garantido. O evento que ocorre há mais de 50 anos atrai pessoas de todos os lugares do mundo e impulsiona o desenvolvimento social, cultural e econômico do município.

Bittencourt (1924) afirma que Parintins tem sua gênese na existência de povos indígenas que moravam em aldeias e malocas nas margens dos rios. Eram povos que viviam livres, trabalhando apenas para sua sobrevivência. Integrante da expedição do espanhol Francisco de Orellana (1511-1546), em 1542, Frei Gaspar de Carvajal (1504-1584), em suas crônicas, descreve a região como uma terra fértil e de boa disposição. O nome da cidade foi escolhido em homenagem aos índios Parintintins que habitavam a região antes da chegada dos povos europeus.

O município de Parintins possui uma área de 7.069 km<sup>2</sup>, localizado à margem direita do rio Amazonas, em uma área distante de Manaus, capital do Estado do Amazonas, 370 km em linha reta e 420 km por fluvial (Saunier, 2003). Possui um relevo com planícies e baixos planaltos amazônicos com vegetação que se caracteriza pela predominância de várzea e terra firme, com um clima equatorial quente úmido com duas estações, sendo uma chuvosa (inverno) e uma estação de estiagem (verão).

A economia de Parintins caracteriza-se por ser complexa, considerando a existência de três setores: primário – agricultura, pecuária, pesca e extrativismo vegetal; secundário – indústria madeireira, alimentícia, química, de vestuário, gráfica e naval; e terciário – estabelecimentos comerciais, de atacado e varejo (Silva, 2009; Souza, 2013).

Ainda sobre os aspectos relacionados com a economia, destaca-se que o Festival Folclórico tem grande importância para o fortalecimento do turismo, que gera todos os anos emprego e renda

para a população. O Festival proporciona a criação de empregos em caráter temporário, pequenos empreendimentos, com destaque para a produção de artesanato (Lemos, 2005).

De acordo com dados do Censo Demográfico em 2010, a cidade de Parintins registrou uma população de aproximadamente 102.033 habitantes e estima-se que, em 2020, a população chegará em 115.363 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011).

### Caracterização do lócus da pesquisa

O município de Parintins dispõe de uma rede de escolas públicas tanto estadual como municipal. O governo do município é mantenedor de escolas na zona urbana e rural (terra firme e várzea) desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. O governo do Estado é mantenedor de escolas também na zona urbana e rural que atendem alunos desde o 1º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Diante dos objetivos propostos neste estudo, no Quadro 1 tem-se o quantitativo de escolas, turmas, alunos e professores que atuam no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I.

**Tabela 1**

*Levantamento estatístico do 1º e 2º ano do município de Parintins e do Estado do Amazonas*

Rede	Quantitativo				
	Escolas	Turmas (1º - 3º)	Turmas (1º - 5º)	Alunos (1º - 5º)	Professores
Municipal	129	175	197	7.257	547
Estadual	10	61	42	3.117	230
Total	139	236	239	10.374	777

Fuente: dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Parintins e Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas, em 2019.

Considerando o lócus da pesquisa e os objetivos propostos, dentre as dez escolas que fazem parte da rede estadual de ensino, esta pesquisa foi realizada em uma escola localizada no centro de Parintins, que atende crianças do 1º e 2º ano, com idades entre seis e sete anos de idade. A escola foi escolhida tendo como critério a nota obtida no Índice de Educação Básica. Em 2017, a escola registrou a nota de 6,4 e ultrapassou a meta proposta pelo Governo, segundo informações colhidas junto a gestão escolar local.

A Escola em questão foi criada no dia 7 de fevereiro de 1972, pelo Decreto Municipal n. 6.998, de 22 de fevereiro de 1972 (Saunier, 2003). Essa conceituada instituição funciona com instalações próprias em uma área construída de 776,91 m<sup>2</sup>, com capacidade para atender 630 alunos.

Atualmente, a escola funciona nos dois turnos, com 18 turmas, sendo 9 no matutino e 9 no vespertino, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. De acordo com o Projeto Político-Pedagógico, a escola visa a contribuir para a superação da escola centralizadora, transmissora de conhecimento, onde o aluno é concebido como sujeito passivo e reproduzidor de verdades consideradas prontas e

acabadas, e assim se vislumbra uma escola construída a partir de um trabalho coletivo, que busca metas comuns que intervenham na realidade escolar.

Portanto, considerando a proposta da BNCC para o Ensino Fundamental, o trabalho desenvolvido na prática pedagógica das escolas públicas e particulares deve ter como foco a alfabetização até o final do 2º ano. Desse modo, a escola campo possui oito turmas de alfabetização, sendo quatro no turno matutino e quatro no turno vespertino.

### **Níveis de alfabetização e letramento das crianças da escola pesquisada**

Este tópico tem como objetivo identificar os níveis conceituais de alfabetização e letramento das crianças de uma escola pública de Parintins, AM. Para tanto, aplicou-se uma atividade de produção textual com o tema *Bullying* para sete turmas, sendo quatro no turno matutino e três no turno vespertino.

Destaca-se que a intenção era realizar a atividade com todos os alunos do 1º e 2º ano, totalizando 245 devidamente matriculados na escola, mas nos dias de aplicação dos instrumentos de coleta, 55 alunos não estavam presentes em sala de aula. Diante disso, a pesquisa foi realizada com 190 alunos, sendo 111 do 1º ano e 79 do 2º ano.

Inicialmente, o tema foi explorado por meio da exibição de um vídeo e de uma conversa informal. Em seguida foi realizada a exposição oral com o auxílio de eslaides sobre os conceitos e tipos de *bullying*, bem como as consequências e as práticas de enfrentamento. Após a exposição oral do tema, os alunos realizaram uma produção textual com o título *O bullying não é brincadeira*. Destaca-se ainda que os alunos realizaram as atividades no tempo proposto.

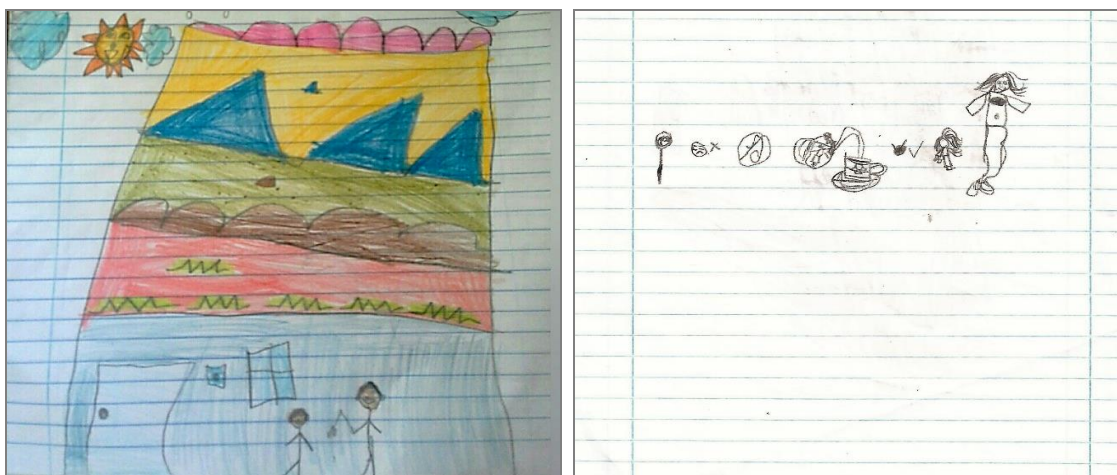
A produção de texto dos alunos foi utilizada para identificar os níveis de alfabetização dos alunos a partir do tema sugerido. Os dados, a seguir, expõem os resultados em cada nível de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano, de acordo com os postulados de Ferreiro e Teberosky (1999): pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Das 30 crianças que estão no nível pré-silábico, verifica-se que 60% são do 1º ano e 40% do 2º ano. Nesse nível, as crianças fazem apenas desenhos, as conhecidas garatujas, para representar as letras. As representações se dão por meio de traços e círculos irregulares e também têm relação proporcional com o que a criança deseja representar, de acordo com as Figuras 1a e 1b.

### **Figura 1**

*Representações dos participantes João e Maria*





a) João (6 anos, 1º ano)

b) Maria (7 anos, 2º ano)

Fuente: produção textual para a pesquisa, 2019.

Ferreiro e Teberosky (1999) explicam que nesse nível escrever é reproduzir traços próprios da escrita em que a criança identifica como a forma básica dela, assim se a forma básica é a letra de imprensa, haverá a presença de grafismos separados, compostos de linhas curvas; mas se a forma básica for a cursiva, têm-se grafismos ligados por uma linha ondulada entendida como base.

Nas representações de João e Maria evidencia-se a presença de traços irregulares e ondulados. As crianças entendem que as letras são representações gráficas, que os desenhos representam as letras, bem como aquilo que compreenderam sobre o tema. Mendonça e Mendonça (2009) explicam que o avanço nesse nível ocorre quando as crianças percebem que os desenhos não representam as letras das palavras.

Na escrita de João (6 anos, 1º ano), verifica-se um processo de transição, pois é possível verificar a presença de aspectos tanto da escrita de imprensa, com traços separados, quanto da escrita cursiva, com ondulações que se ligam. Na escrita de Maria (7 anos, 2º ano), percebe-se somente grafismos próprios da escrita cursiva, linhas onduladas e ligadas.

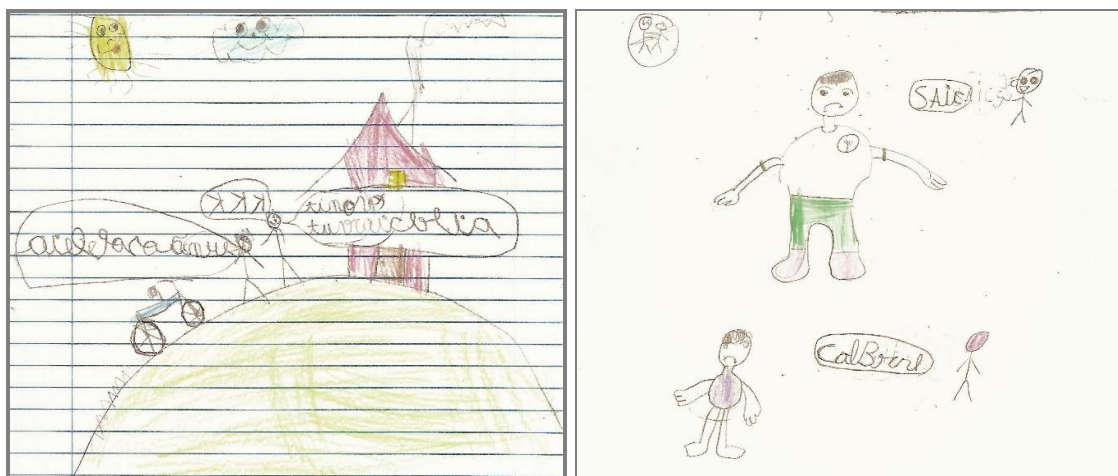
Ressalta-se ainda que é a partir da escrita do nome que as crianças percebem que os desenhos são diferentes das letras, que seus grafismos não representam as letras do próprio nome. A partir do aprendizado do próprio nome, a criança começa a escrever o nome das coisas, mas muitas vezes se restringe ao uso das letras que compõem o seu nome, sem estabelecer relação com a quantidade de letras e som.

Abreu et al. (2000) afirmam que a “criança não compreende que a escrita representa a fala, o som das palavras, e não o objeto a que o nome se refere” (p. 11). Assim, ao conseguir estabelecer tais relações é que a criança entra no nível silábico, em que conhece as letras, mas ainda tem dificuldade em juntá-las para formar sílabas e palavras ou estabelecer relação sonora.

Das 31 crianças que estão no nível silábico, 71% são do 1º ano e 29% do 2º ano. Nesse nível, as crianças já entendem que as palavras são formadas por letras e não por desenhos, mas não estabelecem relação entre a quantidade de letras necessárias para escrever determinada palavra, assim acreditam que podem usar apenas uma letra para cada sílaba ou palavra, conforme pode ser observado nas Figuras 2a e 2b.

**Figura 2**

Representações dos participantes Eduarda e Miguel



a) Eduarda (6 anos, 1º ano)

b) Miguel (7 anos, 2º ano)

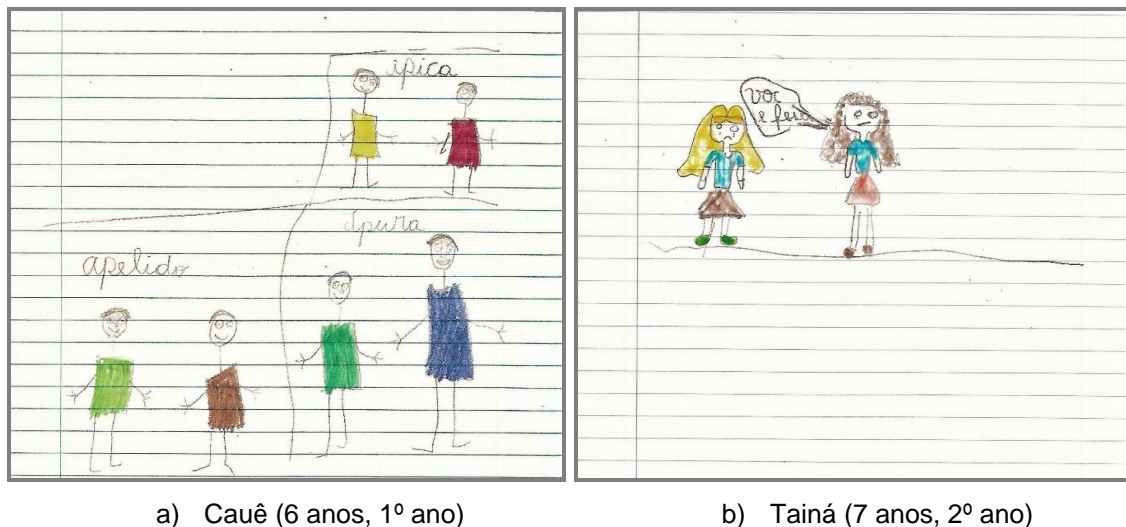
Fuente: produção textual para a pesquisa, 2019.

No nível silábico, a hipótese principal é que, para poder ler coisas diferentes, deve haver uma diferença objetiva nas escritas, isto é, as crianças começam a entender que as palavras são formadas por letras, mas no processo de escrevê-las, muitas vezes usam as letras a partir de combinações (Ferreiro y Teberosky, 1999).

Nas representações de Eduarda (6 anos, 1º ano) e Miguel (7 anos, 1º ano) verifica-se que conhecem as letras, mas não conseguem ordená-las corretamente para a formação das palavras. Percebe-se ainda que escrevem as palavras mesclando letras de imprensa e cursiva, maiúscula e minúscula sem separação.

Mendonça e Mendonça (2009) exemplificam que no nível silábico, a criança pode ou não estabelecer relação sonora. Quando sua escrita ainda não estabelece relação sonora, ao escrever a palavra BONECA, escreve IOD. Quando sua escrita estabelece relação sonora, escreve BEA. A partir desse momento, a criança começa a criar hipóteses sobre a escrita das palavras que é a principal característica do nível seguinte, o silábico-alfabético.

Das 69 crianças que estão no nível silábico-alfabético, 54% são do 1º ano e 46% são do 2º ano. Trata-se de um nível de transição, pois as crianças estão começando a compreender que é necessário um determinado número de letras para formar sílabas e palavras. Nesse nível, as crianças escrevem as palavras, mas é comum verificar que nem sempre todas as letras estão presentes nas palavras escritas, como mostram as Figuras 3a e 3b.

**Figura 3***Representações dos participantes Cauê e Tainá*

a) Cauê (6 anos, 1º ano)

b) Tainá (7 anos, 2º ano)

Fonte: produção textual para a pesquisa, 2019.

No nível silábico-alfabético, nas escritas das crianças é evidente um processo de transição. Verifica-se na escrita de Cauê (6 anos, 1º ano) que ele está começando a entender que, às vezes, é necessária mais de uma letra para formar uma sílaba e que cada uma delas tem um som.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), esse nível é caracterizado pela tentativa da criança de atribuir valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Esse aspecto é perceptível nas palavras que escreve a ausência de algumas letras: IPICA (implicar), APELIDO (apelidar) e IPURA (empurrar).

Destaca-se a presença da hipótese silábica que é a principal característica desse nível, pois as crianças começam a estabelecer hipóteses para a escrita das palavras, bem como a correspondência sonora. Abreu et al. (2000) afirmam que a descoberta de que a escrita representa a comunicação verbal, leva a criança a denotar hipóteses que podem ser falsas, porém, necessárias.

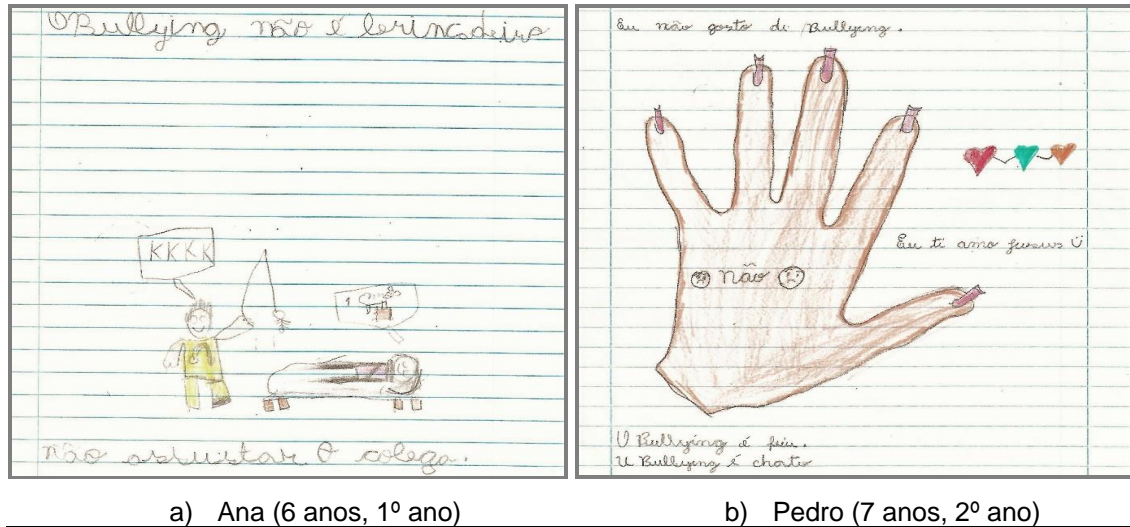
Descreve-se ainda que nesse nível, além de “engolir” algumas letras das palavras, as crianças também suprimem algumas letras por causa de seu valor sonoro. Na escrita de Tainá (7 anos, 2º ano), percebe-se o uso da palavra VOC, para escrever VOCÊ. Isso ocorre, pois Tainá associou a sílaba CÊ, da palavra com o som da letra C. Essa característica pode ser evidenciada na escrita da palavra CABEÇA, pois é comum as crianças escreverem KBÇA.

A partir do momento em que a criança compreende que as palavras são formadas por mais de uma letra e cada uma possui som, ela gradativamente passa ao nível alfabético.

Das 60 crianças que estão no nível alfabético, 57% são do 1º ano e 43% do 2º ano. Esse nível caracteriza-se pela passagem da hipótese silábica para a hipótese alfabética. Ferreiro e Teberosky (1999) explicam que esse é o último nível de escrita, nesse momento já compreendem que cada um dos caracteres corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realizam análises sistemáticas dos fonemas das palavras que vão escrever. As Figuras 4a e 4b exemplificam as características do nível alfabético das crianças investigadas.

**Figura 4**

Representações dos participantes Ana e Pedro



a) Ana (6 anos, 1º ano)

b) Pedro (7 anos, 2º ano)

Fonte: produção textual para a pesquisa, 2019.

Nas escritas de Ana (6 anos, 1º ano) e Pedro (7 anos, 2º ano) verifica-se total correspondência entre a quantidade de letras e sons de cada palavra. Mendonça e Mendonça (2009) descrevem que, nesse nível, o aprendiz analisa as vogais e consoantes da palavra, acredita que as palavras escritas devem representar a fala e apresentar correspondência absoluta de letras e sons.

Destaca-se ainda que, nesse nível, as escritas das crianças têm total correspondência de letra e som, mas como se verifica na escrita de Pedro, escreve de acordo com o som que ouve, por esse motivo escreve TI, ao invés de TE, U ao invés de O e FEIU ao invés de FEIO. Nesse sentido, destaca-se que nesse nível a criança passa pelo conflito entre o modo que se fala e o modo que se escreve.

Os dados da pesquisa demonstraram que o maior número de crianças que se encontram no nível alfabético está matriculado no 1º ano. Destaca-se ainda que as crianças do 1º ano apresentaram melhores resultados em relação às crianças do 2º ano, nos níveis silábico-alfabético e alfabético.

### Percepção dos professores sobre o processo de alfabetização e letramento

O professor é um dos principais responsáveis pelo processo de alfabetização e letramento das crianças no 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, é importante uma formação que dê os subsídios necessários para esse conhecer e de como se dão os métodos de alfabetização e letramento. Sobre a formação mínima para atuar no Ensino Fundamental I, a Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (1996), conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, menciona no novo texto do seu artigo 62:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino

fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. [nova redação dada pela Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017].

Os cursos de ensino superior na modalidade Normal não são mais ofertados nos institutos e universidades. Atualmente, o curso de Pedagogia é o que mais tem preparado os acadêmicos para atuar nos primeiros anos do Ensino Fundamental, principalmente com o processo de alfabetização e letramento. Diante disso, a Quadro 2 expõe a caracterização formativa dos participantes investigados na pesquisa.

**Tabela 2**

*Caracterização dos professores do 1º e 2º ano*

Participante	Idade (anos)	Formação inicial	Pós-graduação	Tempo de atuação	Vínculo empregatício
Prof. 1-2019	57	Normal Superior	–	33 anos	Efetivo
Prof. 2-2019	43	Normal Superior/ Pedagogia	Educação Infantil Educação Desenvolvimento Sustentável	15 anos	Efetivo
Prof. 3-2019	31	Pedagogia	Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar	2 anos	Contrato
Prof. 4-2019	39	Ciências Biológicas	Gestão Ambiental	1 anos	Contrato
Prof. 5-2019	49	Normal Superior/ Letras	–	18 anos	Efetivo

Fuente: autores, 2019.

A partir dos dados obtidos dos professores da escola pesquisada, verifica-se que uma das professoras que atuam com a alfabetização não possui formação na área. A formação é indispensável para que os professores sejam capazes conduzir o processo pedagógico que oportunize o sucesso escolar dos alunos.

Sobre essa questão, Nóvoa (1995) destaca que:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de (auto) formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (p. 25).

Considerando isso, o autor mencionado anteriormente ressalta a necessidade de os professores estarem em constante processo de formação, atualizando-se e principalmente procurando colocar em sua prática metodológica novas estratégias articuladas a novos conhecimentos. Dada a complexidade do processo de aquisição da escrita pelas crianças do 1º e 2º ano, os professores foram questionados sobre como compreendem o processo de alfabetização e letramento:

*o letramento, alfabetização, inicia-se, por exemplo, eu não tenho um método de alfabetizar, eu não sigo nenhum método, o que eu faço, eu misturo os que chamam tradicional com os outros. (Prof. 1-2019).*



*Bom, o processo de alfabetização é quando a criança já consegue assimilar, codificar e decodificar sinais, já a questão do letramento no meu entender refere-se ao contexto da criança. Então, se ela está alfabetizada e letrada, o processo dela para o desenvolvimento do ensino aprendido já é mais prático, mais fácil para ela (Prof. 2-2019).*

*o processo de alfabetização e letramento é um processo contínuo que sempre nós temos que estar atualizados, sempre renovando nossos estudos, métodos para que a criança possa ter uma aprendizagem eficaz. (Prof. 3-2019).*

*acho que tem que ter suporte: o primeiro é a família, ela tem que incentivar, não basta só jogar na porta da sala de aula e não ficar monitorando e não perguntar como seu filho está, como pode ajudar? Se está evoluindo? Se está regredindo? (Prof. 4-2019).*

*o processo de alfabetização e letramento é muito importante quando a família está junto com o professor e o professor se empenha nessa formação da criança, trabalhando suas dificuldades, porque esse primeiro momento da criança é muito importante para prosseguir nos estudos (Prof. 5-2019).*

Diante dos relatos das professoras investigadas, verifica-se que nenhuma apresenta conhecimento teórico sobre o processo de alfabetização e letramento. Apenas a Prof. 2-2019 conseguiu esboçar um conceito aproximado ao dizer que é um processo de “codificar e decodificar sinais, já a questão do letramento no meu entender refere-se ao contexto da criança”.

Para Soares (2017), no processo de alfabetização e letramento é necessário reconhecer a alfabetização como a aquisição do sistema convencional de escrita e o letramento como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso de leitura e escrita em práticas sociais. Destaca ainda que sendo processos distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis, pois a alfabetização não faz sentido sem a prática social.

Nesse sentido, o processo de alfabetização e letramento é algo complexo e que não basta apenas saber ler e escrever, mas fazer uso desse aprendizado nas diferentes situações do dia a dia. O destaque dado a fala da Prof. 4-2019, deve-se ao fato de ter relacionado o processo de alfabetização e letramento com a presença da família na escola, “que tem que incentivar, não basta só jogar na porta da sala de aula e não ficar monitorando”.

Sabe-se que família e escola devem caminhar juntas para auxiliar no aprendizado dos alunos, mas é preciso saber identificar o papel de cada uma. De acordo com o artigo 2º da Lei n. 9.394/1996 (1996), “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A partir do relato da professora, é possível entender que ela defende que o fracasso no processo de aquisição da leitura e da escrita está relacionado principalmente à ausência da família. Nessa realidade, vale mencionar que muitos são os condicionantes que levam ao processo escolar, e um deles pode estar também relacionado à prática do professor e a deficiência em sua formação.

A partir da exposição sobre o processo de alfabetização e letramento, os professores foram indagados sobre se adotam algum método de alfabetização:

*Não. (Prof. 1-2019).*

*Na questão dos teóricos? Bom, nós fazemos leitura, lemos Piaget, Vygotsky. Como é letramento e alfabetização, nós seguimos a Montessori. (Prof. 2-2019).*

*o método... o método assim, ... que eu coloco assim para minha metodologia, é o método construtivista, no qual a criança... constrói e cria seu conhecimento para seus coleguinhas e até mesmo para nós educadores. (Prof. 3-2019).*

*como a experiência está sendo nova para mim, eu recebo muita ajuda das outras colegas que têm mais experiência do que eu em sala, eu já sigo acompanhando elas, ... eu sou nova no 2º ano do ciclo, sou acostumada no fundamental II com adolescente, no Ensino Médio (Prof. 4-2019).*

*Na verdade, o método de alfabetização que nós seguimos é esse, tem o texto, parte do texto, depois vem a interpretação, primeiro assim, oral, aí eles dão a resposta e depois nós partimos para a questão de ler... fazer a leitura do texto, assim que eu trabalho, todo mundo junto, sem dividir ninguém para cá ou para lá. Ah, esse é o mais forte, aquele é mais fraco, não! Eu trabalho o total, o global dentro da sala de aula. ... Nós fazemos diagnóstico logo de entrada... porque na minha sala tem criança em vários níveis, por exemplo, na minha sala tem o pré-silábico, silábico alfabético e alfabético (Prof. 5-2019).*

As professoras esboçaram de maneira superficial sobre quais métodos de alfabetização seguem em sala de aula. É possível identificar a existência de métodos tradicionais (soletração e silabação), construtivistas e globais (métodos de contos). A Prof. 1-2019 foi objetiva ao afirmar que não segue nenhum tipo de método de alfabetização, mas, pelas observações realizadas, foi possível verificar uma prática de postura autoritária, onde o professor é detentor do conhecimento e o erro dos alunos nos exercícios e provas não são tolerados, evidenciando assim o método de alfabetização tradicional baseado principalmente na repetição e cópia, uma mescla entre os métodos de soletração e silabação.

Carvalho (2005) explica que o método da soletração e silabação se baseiam na associação de estímulos visuais e auditivos, valendo-se apenas da memorização, não dando valor ao significado, pois são trabalhados fora de contexto, portanto, são métodos que não motivam os alunos para a leitura e para a escrita. Ambos os métodos trabalham a alfabetização desvinculada do letramento.

As Prof. 2-2019 e Prof. 3-2019 adotam o método construtivista de alfabetização apresentado por Carvalho (2005), os quais se baseiam no trabalho com os nomes das crianças, ensino do alfabeto associado a esses nomes, tolerância quanto aos erros e classificação dos alunos em níveis de alfabetização: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Esse método ficou bem evidente quanto à fala das duas professoras em questão, pois no trabalho desenvolvido por elas na alfabetização e letramento é dada ênfase ao aluno mediante seu processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, os erros são entendidos como hipóteses em construção e o aluno acaba aprendendo com eles, ou seja, o professor passa a ser um mediador, um facilitador e não mais o detentor do conhecimento.

Conforme relato das professoras em questão, em suas práticas pedagógicas procuram promover uma aprendizagem libertadora, onde as crianças têm total liberdade para aprender, errar, construir, criar. Porém, foi possível perceber, pelas observações, que elas trabalham dentro do

método tradicional, caracterizado por atividades copiadas do quadro para o caderno, uso diário de xérox de atividades prontas e acabadas, atividades essas que não trazem significado algum para os alunos, somente a repetição mecânica.

A Prof. 4-2019 afirmou que segue o método de alfabetização das suas colegas, visto que possui pouco tempo atuando com os Anos Iniciais. Considerando as observações, verifica-se que a professora adota de forma mais evidente, o método tradicional de alfabetização seguindo rigorosamente os planos elaborados por suas colegas de trabalho relacionados aos conteúdos e apenas “incrementa” suas aulas com um texto ou vídeo sem fazer menção à realidade a qual os alunos estão inseridos. Em suas práticas foi possível perceber total insegurança e/ou falta de conhecimento teórico e prático no que se refere ao processo de alfabetização e letramento dos alunos.

Ainda sobre essa questão, a Prof. 5-2019, conforme seus relatos e observações, adota o método global (método de contos). Trata-se de um método em que o texto utilizado é desmembrado em frases ou orações, que a criança aprende a reconhecer globalmente e a repetir, em uma espécie de pré-leitura, depois reconhece palavras, divide em sílabas e por fim forma palavras com as sílabas estudadas (Carvalho, 2005).

Esse método ficou bem evidente quando a professora trabalhou o livro didático trazendo a informação de forma global dos conteúdos (todo) em suas aulas, para em seguida fazer a relação desses conteúdos com a realidade (partes) dos seus alunos. Seguindo essa proposta de metodologia adotada pela professora, evidencia-se que o ensino a partir da leitura do texto tem o objetivo de proporcionar aos alunos o conhecimento do mundo da fantasia, do desconhecido, da imaginação para que assim ele possa fazer a interpretação da história/conto/reconto do seu jeito, podendo essa interpretação ser igual ou diferente dos demais, visto que cada um tem seu tempo para aprender. Muitas vezes os conteúdos trabalhados pela professora, em suas práticas pedagógicas para alfabetizar seus alunos, eram associados a figuras e palavras, tornando o entendimento e a interpretação mais agradável e participativa.

Diante dos métodos de alfabetização adotados em sala de aula, seja de forma consciente ou não, as professoras também foram questionadas sobre “como organizavam suas aulas, ou seja, como trabalhavam diariamente o processo de alfabetização das crianças (conteúdos, metodologias, recursos, avaliação)”:

*Primeiramente avalio como a criança está, o que ela já sabe [...], aí tem o processo de coordenação motora, depois passamos para o reconhecimento das letras, sílabas, palavras e frases, assim que eu trabalho. ... eu não tenho receita para dar..., eu faço as atividades no caderno e uso multimídia (Prof. 1-2019).*

*Escolhemos o conteúdo como reconhecimento das letras do alfabeto, leitura de história, reconto. ... aí vamos para o processo de escrita... fazemos avaliação diagnóstica para ver o que a criança já conhecesse das letras (Prof. 2-2019).*

A Prof. 1-2019 ressalta que de início realiza um diagnóstico do aluno para saber em qual nível alfabético ele está; em seguida, destaca a rotina que será trabalhada em sala de aula com esse aluno, como: coordenação motora, reconhecimento das letras, sílabas, palavras e frases. Em seu



entendimento destaca que o processo de alfabetização não tem receita pronta, pois isso requer prática e entendimento para usar os recursos necessários e disponíveis.

A Prof. 2-2019 além de descrever como se dá sua rotina em sala de aula, destaca que organiza suas aulas a partir da realização de uma avaliação diagnóstica dos alunos. Nesse sentido, a avaliação diagnóstica tem como objetivo determinar a presença ou ausência de conhecimento e habilidades (Sant'Anna, 2011). A partir dessa avaliação é que as professoras planejam suas aulas, com vista em atender as necessidades da turma.

*É a partir do planejamento pedagógico que elaboramos nossos planos de aula. Para que a criança não fique somente escrevendo, fazendo grafias, trabalhamos com o lúdico como alfabeto móvel, contos de histórias (Prof. 3-2019).*

*Nós somos unidas na escola, trabalhamos sempre juntas..., mas tento fazer minhas aulas diferentes, coloco um vídeo, às vezes uma música, uma leitura dialogada, peço para eles escreverem no quadro (Prof. 4-2019).*

Diante dos relatos, verifica-se a existência de rotina bem parecida, ainda que não a descrevam de forma bem objetiva. As professoras, na maioria das vezes, utilizam textos como eixo condutor das aulas, ainda que os métodos de alfabetização que adotam se diferenciem enquanto conceito teórico. Ressalta-se que de um jeito mais ou menos tradicionalista, as professoras possuem uma prática alfabetizadora semelhante.

As Prof. 3-2019 e Prof. 4-2019 ressaltam a questão do planejamento e do trabalho em equipe para favorecer um melhor processo de alfabetização e letramento. Sabe-se que por muito tempo o planejamento foi visto como uma atividade burocrática e sem necessidade, mas atualmente é cada vez mais necessário planejar o processo educativo, trata-se de “um processo contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento” (Vasconcelos, 2010, p. 80).

No relato a seguir, a Prof. 5-2019 expõe sua rotina em sala de aula, a partir do uso do livro didático:

*O livro didático é uma forma da criança perceber o total do Brasil que eu penso... para mim, a criança precisa conhecer o livro didático... porque o livro didático fala do Sul, mas é uma realidade brasileira, a criança não pode conhecer somente a cultura do lugar em que vive... Meus alunos não foram contemplados com o livro didático, ou seja, somente 14... Vez ou outra, tiro xerox e dou de algum assunto do livro de Português para eles. As parlendas, por exemplo, aparecem bastante na Prova Brasil, Prova ANA então, eles precisam conhecer as parlendas*

Considerando o relato, verifica-se uma ênfase no uso do livro didático por parte da professora. Sabe-se que o livro didático é um importante recurso pedagógico, mas não deve ser usado como único. É preciso que as crianças sejam levadas à prática da escrita de forma contextualizada.

*A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa que nos impulsiona pra novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre a realidade e o acompanhamento, passo a passo do educando, na sua*

trajetória de construção de conhecimento (Hoffmann, 1995, p. 18).

Outro destaque que se dá à fala da professora são as provas de avaliação da aprendizagem, como a Prova Brasil e a ANA.

Ressalta-se que a escola enfatiza seus resultados quantitativos, principalmente relacionados ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Como forma de alavancar os índices da escola, destaca-se a existência de projetos pedagógicos que premiam os melhores alunos ao final do ano.

A escola adota ainda um sistema de pontuação próprio da rede estadual de educação. As notas atribuídas aos alunos são 60% qualitativas (que consideram presença, participação nas aulas, organização do material escolar) e apenas 40% quantitativas (domínio sobre os conteúdos). Nesse sentido, é comum que alguns alunos tenham uma nota satisfatória ao final do ano, mas não estão alfabetizados e letrados.

Diante do entendimento sobre o processo de alfabetização e letramento, dos métodos adotados e das rotinas vividas em sala de aula, as professoras foram questionadas se “acreditam que sua prática alfabetizadora tem garantido uma aprendizagem significativa e libertadora das crianças”:

*Eu acho que sim. Eu garanto porque a criança aprende, mas se ela tem alguma dificuldade, já é outra coisa. (Prof. 1-2019).*

*Acredito que sim. A criança passa a contextualizar, a ser mais participativa, embora algumas tenham um aprendizado mais lento; outras mais rápido... Temos que ver se a nossa metodologia está de acordo com o aprendizado dela (Prof. 2-2019).*

*Com certeza, trabalhamos o método construtivista que ajuda construir, elaborar, discernir o que a criança tem dentro de si... Quando você usa a ludicidade, a aprendizagem se torna significativa, libertadora das crianças. Hoje em nossas escolas, precisamos renovar, fazer formação continuada, utilizar métodos diferenciados (Prof. 3-2019).*

*A gente não alcança todos, sempre tem uns 4 ou 5 alunos que tem dificuldade, mas a maioria consegue acompanhar. Essas crianças com dificuldade não têm apoio da família, são acompanhadas somente pela escola (Prof. 4-2019).*

*Eu acredito nas crianças... Às vezes percebo que estudo mais Língua Portuguesa... Vejo que nós precisamos estudar mais Geografia e História, porque eles começam a entender o mundo a partir da geografia e história, a gente precisa dá matemática, precisa dá artes porque eles também compreendem (Prof. 5-2019).*

As professoras foram unânimes em afirmar que suas práticas alfabetizadoras têm favorecido o aprendizado libertador dos alunos. A Prof. 1-2019 destaca que seus alunos aprendem, embora alguns apresentem dificuldades. Assim, é possível verificar que a professora não se preocupa em reavaliar sua prática como forma de alcançar aqueles alunos que apresentam dificuldades.

No relato da Prof. 3-2019, evidencia-se a questão da formação continuada como forma de melhorar o processo de alfabetizar e letrar dos alunos. Formações pedagógicas periódicas também desempenham um papel importante na construção profissional do professor. É importante também assumir uma postura de pesquisador e sempre procurar se atualizar.

A Prof. 4-2019 afirma que as crianças que apresentam dificuldade não têm acompanhamento

da família. Evidencia-se nessa fala da professora que o problema das crianças que apresentam dificuldade no processo de alfabetização e letramento não tem relação com a prática pedagógica, mas com a ausência da família na escola.

Por fim, a Prof. 5-2019 enfatiza que precisa acreditar no trabalho que desenvolve com seus alunos e, ao mesmo tempo, afirma que considera a todo o momento se autoavaliar quanto às práticas pedagógicas que permeiam esse trabalho. Em seu relato, destaca a ênfase dada ao componente curricular de Língua Portuguesa como a disciplina-chave do processo de alfabetização e letramento dos alunos, o que, no seu entender, não é suficiente, pois os alunos precisam se apropriar das habilidades e conhecimentos atribuídos aos diversos componentes curriculares como: Geografia, História, Matemática e Artes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização deste estudo possibilitou conhecer a realidade do processo de alfabetização e letramento em Parintins, a partir do levantamento quantitativo de crianças no 1º e 2º ano, da identificação dos níveis de alfabetização em que elas se encontram, como também a partir da análise das percepções dos professores sobre suas práticas alfabetizadoras.

Com o objetivo de identificar o nível de alfabetização dos alunos do 1º e 2º ano, foi realizada uma atividade diagnóstica que mostrou que, respectivamente, 16% dos alunos do 1º ao 2º ano estão no nível pré-silábico e silábico, 36% dos alunos estão no nível silábico-alfabético e apenas 32% estão no nível alfabético. Sobre esses dados, destaca-se ainda que as turmas do 1º ano apresentaram melhor desempenho nas atividades realizadas.

Sobre as práticas alfabetizadoras, destaca-se que apenas um dos participantes investigados não possui formação mínima e específica para atuação nos primeiros anos do Ensino Fundamental. A partir das observações e entrevistas realizadas foi possível verificar também que os participantes dispõem de pouco conhecimento teórico sobre o processo de alfabetização e letramento e seguem os métodos sintéticos (soletração e silabação), construtivista e global (métodos dos contos) para alfabetização.

A pesquisa mostra também que os participantes possuem uma rotina em sala de aula muito semelhante, utilizando textos como eixo articulador. Destaca-se, ainda, que, mesmo com métodos diferentes de alfabetização, as práticas dos sujeitos apresentam muitas características tradicionais, com ênfase na memorização e repetição e têm uma preocupação excessiva em alcançar as metas estabelecidas pelos órgãos competentes.

Os participantes foram unânimes em afirmar que suas práticas alfabetizadoras favorecem uma aprendizagem libertadora aos seus alunos e enfatizam que aqueles alunos que não conseguem alcançar os níveis esperados pela escola ou mesmo pelo sistema educacional, na maioria das vezes, são aqueles que não são acompanhados por suas famílias.

A partir dos resultados, foi possível compreender que o processo de alfabetização e letramento dos alunos do 1º e 2º ano precisa ser olhado sob a perspectiva da qualidade do ensino e aprendizagem, e não somente da quantidade. Nesse sentido, deve-se investir na formação continuada para os professores, bem como favorecer uma maior aproximação da família e da escola.

O fracasso no processo de alfabetização e letramento não é apenas responsabilidade da escola ou da família (ausência dela), mas de todos aqueles que fazem parte do processo educativo no âmbito social.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, A. R., Aratanga, C. R., Mingues, E., Dias, M. C., Durante, M., y Weisz, T. (2000). *Alfabetização: livro do professor*. FUNDESCOLA/SEF-MEC.  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000591.pdf>
- Bittencourt, A. C. R. (1924). *Memória do município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material*. Palais Royal.
- Carvalho, M. (2005). *Alfabetizar e Letrar: diálogo entre a teoria e a prática*. Vozes.
- Ferreiro, E., y Teberosky, A. (1999). *Psicogênese da língua escrita*. Artmed.
- Hoffmann, J. (1995). *Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista* (18ª ed.). Mediação.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). *Censo demográfico 2010: Parintins*. Ed. IBGE.  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/panorama>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2018). *Relatório SAEB/ANA 2016: panorama do Brasil e dos estados*. Ed. INEP.  
[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/relatorio\\_saeb\\_ana\\_2016\\_panorama\\_do\\_brasil\\_e\\_dos\\_estados.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_saeb_ana_2016_panorama_do_brasil_e_dos_estados.pdf)
- Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. (1996). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*.  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)
- Lemos, V. C. S. (2005). *O festival folclórico de Parintins* [Monografia de licenciatura, Centro Universitário de Brasília]. Repositório Institucional da UNICEUB.  
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2331/2/20173467.pdf>
- Lüdke, M., y André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Ed. EPU.
- Mendonça, O. S., y Mendonça, O. C. (2009). *Alfabetização: método sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire* (3ª ed.). Cortez.
- Michel, M. H. (2009). *Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos* (2ª ed.). Atlas.
- Ministério da Educação do Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Ed. MEC.  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)
- Ministério da Educação do Brasil. (2018). *Programa Mais Alfabetização*. Coordenação-Geral de Ensino Fundamental da Diretoria de Currículos e Educação Integral.  
<http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/62871-programa-mais-alfabetizacao>
- Nóvoa, A. (1995). A formação de professores e profissão docente. En A. Nóvoa (Org), *Os professores e sua formação* (2ª ed. pp.15-34). Lisboa: Dom Quixote.
- Pádua, E. M. M. (2000). *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática* (8ª ed. rev. e ampl.).

Papirus.

- Peduzzi, P. (2017). *Mais de 50% dos alunos do 3º ano têm nível insuficiente em leitura e matemática*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-10/mais-de-50-dos-alunos-do-3o-ano-tem-nivel-insuficiente-em-leitura-e#>
- Resolução n. 2 de 22 de dezembro de 2017 do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. (2017). Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)
- Sant'Anna, I. M. (2011). *Por que avaliar. Como avaliar? Critérios e instrumentos* (15º ed.). Vozes.
- Saunier, T. (2003). *Parintins: memórias dos acontecimentos históricos*. Valer.
- Silva, C. M. M. (2009). *Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia*. [Tesis de maestria, Universidade Federal do Amazonas]. Repositório Institucional da UFAM. <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2792/1/DISSERTACAO%20COMPLETA%20CHARLENE%20SILVA.pdf>
- Silva, C. R., Gobbi, B. C., y Simão, A. A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 7(1), 70-81. <http://www.spell.org.br/documentos/download/27745>
- Soares, M. (2017). *Letramento e alfabetização* (7º ed.). Contexto.
- Souza, N. D. (2013). *O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM). evolução e transformação* [Tesis de doctorado, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da USP-SP. [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-23102013-120716/publico/2013\\_NilcianaDinelyDeSouza\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-23102013-120716/publico/2013_NilcianaDinelyDeSouza_VCorr.pdf)
- Vasconcelos, C. S. (2010). *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização* (12º ed.). Libertad.